

BENEDITO RODRIGUES DA SILVA NETO
(ORGANIZADOR)

A MEDICINA VOLTADA À PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR 2



BENEDITO RODRIGUES DA SILVA NETO
(ORGANIZADOR)

A MEDICINA VOLTADA À PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR 2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Biológicas e da Saúde

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Camila Pereira – Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto

Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
 Profª Drª Danyelle Andrade Mota – Universidade Tiradentes
 Prof. Dr. Davi Oliveira Bizerril – Universidade de Fortaleza
 Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
 Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
 Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
 Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
 Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
 Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
 Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
 Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
 Prof. Dr. Guillermo Alberto López – Instituto Federal da Bahia
 Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
 Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
 Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDP
 Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe
 Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
 Profª Drª Kelly Lopes de Araujo Appel – Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal
 Profª Drª Larissa Maranhão Dias – Instituto Federal do Amapá
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Profª Drª Luciana Martins Zuliani – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
 Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins
 Prof. Dr. Max da Silva Ferreira – Universidade do Grande Rio
 Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
 Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
 Profª Drª Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará
 Profª Drª Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Taísa Ceratti Treptow – Universidade Federal de Santa Maria
 Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
 Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Welma Emídio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

A medicina voltada à promoção da saúde e do bem-estar 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Benedito Rodrigues da Silva Neto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
M489	A medicina voltada à promoção da saúde e do bem-estar 2 / Organizador Benedito Rodrigues da Silva Neto. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-1005-8 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.058231502
	1. Medicina. 2. Saúde. I. Silva Neto, Benedito Rodrigues da (Organizador). II. Título.
	CDD 610
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Sabemos que classicamente a saúde é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como “o bem-estar físico, mental e social, envolvendo algo a mais do que a mera ausência de doença”. Com esse conceito em mente podemos também definir a promoção da saúde como o conjunto de políticas, planos e programas de saúde pública com ações individuais e coletivas voltadas, para evitar que as pessoas se exponham a situações que podem causar doenças. Deste modo entendemos que promover o bem-estar populacional é bem mais que prevenir doenças.

Com este conceito abrangente em mente é que desejamos recomendar a nova obra intitulada “A medicina voltada à promoção da saúde e do bem-estar” apresentada inicialmente em dois volumes.

Se promover a saúde não se limita a melhorar apenas a saúde, mas envolve melhorar a qualidade de vida e o bem-estar, torna-se necessária uma perspectiva multidisciplinar integradas e em redes, utilizando-se das ciências biológicas, ambientais, psicológicas, físicas e médicas. Deste modo almejamos oferecer ao nosso leitor uma produção científica de qualidade fundamentada no fato de que a integridade da saúde da população aprofundando no conhecimento nas diversas técnicas de estudo do campo médico que tragam retorno no bem estar físico, mental e social da população.

Esta obra, portanto, compreende uma comunicação de dados muito bem elaborados e descritos das diversas sub-áreas da saúde.

A obra “A medicina voltada à promoção da saúde e do bem-estar” oferece ao nosso leitor uma teoria bem fundamentada desenvolvida em diversos pesquisadores de maneira concisa e didática. A divulgação científica é fundamental para o desenvolvimento e avanço da pesquisa básica em nosso país, e mais uma vez parabenizamos a estrutura da Atena Editora por oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores divulguem seus resultados.

Desejo à todos um ano de 2023 rico em conhecimento científico!

Benedito Rodrigues da Silva Neto

CAPÍTULO 1 1**A ESCOLA COMO PROTAGONISTA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ADOLESCÊNCIA**

Ilza Rfaely Alves da Silva
 Amuzza Aylla Pereira dos Santos
 Ruth França CizinoTrindade
 Tâmara Silva de Lucena
 Nathalia Lima da Silva
 Joyce dos Santos Barros Silva
 Núbia Vanessa da Silva Tavares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315021>

CAPÍTULO 2 13**A IMPORTÂNCIA DA INTERAÇÃO TRANSPROFISSIONAL NA ELABORAÇÃO DE FERRAMENTAS DE APH**

Bruna Marina Ferrari dos Santos
 Cristiano Hayoshi Choji
 Vinícius Afonso dos Santos
 Vanessa Laura dos Santos
 Pedro Henrique Pedrini de Oliveira
 Vitória Rosales Rosa
 Gabriella de Lima Belussi
 Victor Hugo Maioli
 Igor Pereira Franco
 Nicole da Silva Vianna
 Marcio Ribeiro da Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315022>

CAPÍTULO 3 19**A IMPORTÂNCIA DO OFERECIMENTO DE PROJETOS DE EXTENSÃO VOLTADOS AO APH PARA A GRADUAÇÃO EM MEDICINA**

Carolina Vitoratto Grunewald
 Cristiano Hayoshi Choji
 Gabriella de Lima Belussi
 Fernando Coutinho Felicio
 Lucas de Souza Zambotti
 Bruna Marina Ferrari dos Santos
 Priscila Buosi Rodrigues Rigolin
 Gabriella Wasques Pereira Rodrigues
 Nathan Gabriel Patussi Linares Pereira
 Marcela de Almeida Lemos Azenha Milani
 Rayssa Narah Martins e Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315023>

CAPÍTULO 430**A IMPORTÂNCIA DO RECONHECIMENTO DO CHOQUE HEMORRÁGICO**

PARA FORMAÇÃO ACADÊMICA EM MEDICINA

Gabriella Wasques Pereira Rodrigues
 Nathan Gabriel Patussi Linares Pereira
 Débora de Lima Miranda
 Bruna Marina Ferrari dos Santos
 Cristiano Hayoshi Choji
 Priscila Buosi Rodrigues Rigolin
 Bárbara Barbosa de Souza
 Vinícius Afonso dos Santos
 Rafael Biral Magnoler
 Fernando Coutinho Felício
 Marcela de Almeida Lemos Azenha Milani
 Mirella Cristina Coetti da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315024>

CAPÍTULO 538**ANÁLISE *IN SÍLICO* DA EXPRESSÃO DE SNORNAS EM CÂNCER DE CABEÇA E PESCOÇO REVELA POTENCIAIS MARCADORES DE PIOR PROGNÓSTICO**

Ana Gabrielly de Melo Matos
 Eldevan da Silva Barbosa
 Alania Frank Mendonça
 Ana Carla Silva Jansen
 Larissa Rodrigues de Sousa
 Antonia Claudia da Conceição Palmeira
 Eliel Barbosa Teixeira
 Marcelli Geisse de Oliveira Prata da Silva
 Thaís da Conceição Silva
 Wesleyany Everton Duarte
 Antonio Augusto Lima Teixeira Júnior
 Jaqueline Diniz Pinho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315025>

CAPÍTULO 652**ASPECTOS SOBRE ADENOVÍRUS: REVISÃO E ESTUDOS**

Thiago Christian da Silva
 Jhonata Jankowitsch

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315026>

CAPÍTULO 764**ATUAÇÃO INTERDISCIPLINAR E UNIDADE DE PRÁTICAS INTEGRADAS: EXPERIÊNCIAS DE UM SERVIÇO ORTOPÉDICO HOSPITALAR**

Elenir Pereira Paiva
 Fabiano Bolpato Loures
 Helena Ferraz Chinelato
 Laércio Deleon de Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315027>

CAPÍTULO 883**COVID-19 E AS VULNERABILIDADE DE SAÚDE LGBTQIA+: UMA REVISÃO DE ESCOPO**

José Carlos da Silva Lins
 Verônica de Medeiros Alves
 Hallana Laisa de Lima Dantas
 Ingrid Martins Leite Lúcio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315028>

CAPÍTULO 9 104**EFICÁCIA DA ORIENTAÇÃO DE ATIVIDADE FÍSICA PARA PACIENTES HIPERTENSOS POR EDUCADOR FÍSICO OU POR MÉDICO – ESTUDO RANDOMIZADO**

Paulo Sérgio Silva
 Helbert do Nascimento Lima
 Anderson Ricardo Roman Gonçalves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0582315029>

CAPÍTULO 10.....116**FATORES QUE INFLUENCIAM NA QUALIDADE DO REPOUSO EM UMA PRISÃO FEMININA NO NORDESTE BRASILEIRO**

Nathalya Anastacio dos Santos Silva
 Amuzza Aylla Pereira dos Santos
 Jéssica Kelly Alves Machado
 Dayse Carla Alves Pereira Sales
 Núbia Vanessa da Silva Tavares
 Nathalia Lima da Silva
 Joyce dos Santos Barros Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150210>

CAPÍTULO 11 127**IMPLICAÇÕES DO USO DE CIGARRO ELETRÔNICO NO DESENVOLVIMENTO DE DOENÇAS RESPIRATÓRIAS**

João Guilherme Patriota Carneiro
 Breno Henrique Machado Viana
 Francisco Alex Mesquita de Souza
 Gabriel Adler Rocha Gomes
 Gabriel Alcântara Souza Leite
 Jesaías Pontes Rodrigues
 Tarcísio Ramos de Oliveira
 Carlos Alberto Alves Dias Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150211>

CAPÍTULO 12..... 156**INCIDÊNCIAS DE ANOMALIAS CONGÊNITAS NAS MACRORREGIÕES DO BRASIL DURANTE OS ANOS DE 2010 A 2019**

Victor Hugo Sardinha de Freitas

Cintia Zonta Baptista
 Carmem Isis de Oliveira Vale
 Fábio Soares Nespoli
 Julia Rezende Azevedo
 Marcella Prianti Kalaf
 Thania Cristina da Silva
 Taís Daiene Russo Hortencio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150212>

CAPÍTULO 13..... 166

LEIOMIOMA ILEAL COMO CONTÉUDO DE HÉRNIA INCISIONAL: RELATO DE CASO

João Gilberto Kazuo Aguenta
 Guilherme Alves de Oliveira
 Augusto Araboni Mendes Barcelos Manna
 Pamela Renata Leite
 Debora Duarte Melo
 Kilder Carmo dos Santos
 Loysleny Elias França
 Nathália Joana Garcia Gonçalves
 Larissa Maria Lucas
 Raíssa Andrade Águas
 Juni Marcos Borges Alves Nogueira
 Rafael Henrique Rodrigues Mendonça

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150213>

CAPÍTULO 14..... 172

O USO DE GAMIFICAÇÃO COMO FATOR MOTIVADOR NA DISCIPLINA DE PATOLOGIA GERAL DO CURSO DE MEDICINA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Josiane dos Santos Amorim
 Charles Neris Moreira
 Pamera da Silva Santos
 André Fabrício Pereira da Cruz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150214>

CAPÍTULO 15..... 175

PARTICIPAÇÃO DA INFLAMAÇÃO AGUDA NA LESÃO POR ISQUEMIA E REPERFUSÃO HEPÁTICA

Taysila Furtado
 Maraíza Silva Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150215>

CAPÍTULO 16..... 177

REABILITAÇÃO CARDIOPULMONAR PÓS-COVID-19: UM ESTUDO DE CASO

Jessica Adriana de Paiva
 Laércio Deleon de Melo

Felipe Eduardo Taroco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150216>

CAPÍTULO 17.....191

STOP THE BLEED: A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM E CAPACITAÇÃO MÉDICA NA IDENTIFICAÇÃO E CONTROLE DA HEMORRAGIA QUE AMEAÇA A VIDA

Cristiano Hayoshi Choji
 Bruna Marina Ferrari dos Santos
 Vinícius Afonso dos Santos
 Bárbara Modesto
 Rafael Biral Magnoler
 Geane Andressa Alves Santos
 Mirella Cristina Coetti da Costa
 Fernando Coutinho Felício
 Ana Carolina Munuera Pereira
 Vitor Garcia Carrasco Oliveira
 Marcela de Almeida Lemos Azenha Milani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150217>

CAPÍTULO 18..... 198

TRATAMENTO DA HÉRNIA VENTRAL LAPAROSCÓPICA OU ABORDAGEM ABERTA?

Esteban Vivas Eraso

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150218>

CAPÍTULO 19.....200

TUMOR RENAL À DIREITA COM METÁSTASE PULMONAR EM PACIENTE PEDIÁTRICO: UM RELATO DE CASO

Leticia Rodrigues Vanini
 Júlia Bettarello dos Santos
 Bruna Bezerra Salviano

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150219>

CAPÍTULO 20206

USO/ABUSO DE MEDICAMENTOS PSICOTRÓPICOS EM MULHERES ENCARCERADAS

Nathalya Anastacio dos Santos Silva
 Amuzza Aylla Pereira dos Santos
 Bárbara Maria Gomes da Anunciação
 Jéssica Kelly Alves Machado da Silva
 Dayse Carla Alves Pereira Sales
 Kariane Omena Ramos Cavalcante
 Núbia Vanessa da Silva Tavares
 Nathalia Lima da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.05823150220>

SOBRE O ORGANIZADOR	218
ÍNDICE REMISSIVO	219

CAPÍTULO 1

A ESCOLA COMO PROTAGONISTA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ADOLESCÊNCIA

Data de submissão: 28/11/2022

Data de aceite: 01/02/2023

Ilza Rafaely Alves da Silva

Universidade Federal de Alagoas -UFAL
Maceió-AL
<https://orcid.org/0000-0002-6303-1459>

Amuzza Aylla Pereira dos Santos

Universidade Federal de Alagoas -UFAL
Maceió-AL
<https://orcid.org/0000-0001-6299-7190>

Ruth França Cizino Trindade

Universidade Federal de Alagoas -UFAL
Maceió-AL
<https://orcid.org/0000-0001-9932-6905>

Tâmara Silva de Lucena

Universidade Federal de Alagoas -UFAL
Maceió-AL
<https://orcid.org/0000-0002-0480-4458>

Nathalia Lima da Silva

Universidade Federal de Alagoas -UFAL
Maceió-AL
<https://orcid.org/0000-0002-5163-7103>

Joyce dos Santos Barros Silva

Universidade Federal de Alagoas -UFAL
Maceió-AL
<https://orcid.org/0000-0002-5533-2710>

Núbia Vanessa da Silva Tavares

Universidade Federal de Alagoas -UFAL
Maceió-AL
<https://orcid.org/0000-0002-2205-2392>

RESUMO: **Objetivo:** identificar o conhecimento dos estudantes do ensino fundamental sobre educação sexual. **Método:** Trata-se de um estudo epidemiológico observacional do tipo transversal, com abordagem quantitativa por meio da análise de 253 questionários. **Resultados:** 67,2% afirmam que tiveram orientação sexual escolar, sendo 67,6% na disciplina de ciências. Ademais, 58,9% dos alunos afirmam que aprenderam sobre puberdade, 62,6% estudaram métodos contraceptivos, 56,5% obtiveram informação sobre infecções sexuais, 72,3% foram orientados quanto à gravidez e 46,6% receberam informações sobre iniciação sexual, na escola. Dos entrevistados, 51,8 % dizem conhecer pouco ou nada sobre sexualidade. 58,1%, afirmaram que acham importante aulas sobre o tema, entretanto 92,5% disse que tais aulas auxiliariam muito em suas vidas. **Conclusão:** Observa-se que é importante a orientação sexual, para os adolescentes, sendo a escola um espaço apropriado para debater tal temática, que levará o jovem a desenvolver-se com mais segurança.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual; Adolescente; Sexualidade; Instituições Acadêmicas; Saúde Escolar; Educação em

THE SCHOOL AS A PROTAGONIST OF HEALTH EDUCATION IN ADOLESCENCE

ABSTRACT: Objective: to identify elementary school students' knowledge about sex education. **Method:** This is a cross-sectional observational epidemiological study, with a quantitative approach through the analysis of 253 questionnaires. **Results:** 67.2% say they had sexual orientation at school, 67.6% in the science subject. In addition, 58.9% of students say they learned about puberty, 62.6% studied contraceptive methods, 56.5% obtained information about sexual infections, 72.3% were advised about pregnancy and 46.6% received information about initiation sex at school. Of those interviewed, 51.8% say they know little or nothing about sexuality. 58.1% stated that they think classes on the subject are important, however 92.5% said that such classes would help a lot in their lives. **Conclusion:** It is observed that sexual orientation is important for adolescents, and the school is an appropriate space to discuss this theme, which will lead the young person to develop more safely.

KEYWORDS: Sexual Education; Adolescent; Sexuality; Academic Institutions; School Health; Health Education.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma época de transição entre infância e a fase adulta, caracterizada por processo de maturação e de desenvolvimento biopsicossocial. É um período fundamental, com descobertas e desafios, experiências e expectativas sociais diversas, compreendido pela Organização Mundial de Saúde como a faixa dos 10 aos 19 anos de idade, conceito também adotado pelo Ministério da Saúde, no Brasil. (SANTOS, *et. al.* 2015; WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO), 2013)

A adolescência é marcada por dúvidas e incertezas, principalmente no que tange à sexualidade, pois os adolescentes sofrem mudanças corporais e psicológicas que alteram sua percepção do viver. Neste contexto, a escola pela sua importância no campo de socialização do escolar e do adolescente, é um veículo muito importante para a educação sexual, no entanto devido a variáveis como o despreparo dos professores ou ainda o desconforto dos mesmos para abordar e discutir tais temas, são utilizados mecanismos de controle como a repressão ou a biologização da sexualidade, com a convivência das ciências médicas, vinculando o exercício da sexualidade somente a prática das funções reprodutoras (BIÉ, DIÓGENES, ESCOLÁSTICA, 2006; SILVA, *et al.*, 2013).

O Ministério da Educação, na resolução nº 7, de dezembro de 2010, em seu Art. 16, define que os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos, a partir das possibilidades abertas pelos seus referenciais, a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual. Assim, alguns dos temas que devem ser contemplados nos conteúdos curriculares são: saúde, sexualidade e gênero, vida familiar

e social, entre outros. O mesmo pré-requisito, com base na orientação sexual, encontra-se descrito no documento “Organização da Educação Básica Alagoas – 2011” da Secretaria de Educação do Estado de Alagoas (BRASIL, 2013; BRASIL, 2016)

Desta forma, conhecer se estes estudantes obtiveram informações sobre sexualidade, na escola, é importante pois contribui para a tendência à institucionalização de trabalhos com enfoque na promoção da saúde na comunidade direcionados a este tema.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo identificar o conhecimento dos estudantes, de escolas públicas municipais, do ensino fundamental sobre educação sexual, em um município do nordeste brasileiro.

MÉTODO

Estudo epidemiológico observacional, do tipo transversal, com abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada em nove escolas públicas municipais, do ensino fundamental em um município do nordeste brasileiro. O tamanho da amostra foi de 253 questionários.

Para a composição da amostra, foi utilizado o número de matrículas realizadas no 9º ano do ensino fundamental, em escolas públicas municipais de um estado do Nordeste, em 2016; cujo quantitativo foi de 709 matriculados, para a realização do cálculo amostral. O total foi 250 sujeitos de ambos os sexos, erro amostral de 5,0% e significância de 95%.

Para a coleta de dados foi elaborado um formulário estruturado com dados de identificação para caracterizar a amostra e dados específicos da educação sexual e sexualidade. Os dados foram coletados após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, sob o processo nº: 62266616.4.0000.5013 no dia 23 de fevereiro de 2017.

As variáveis utilizadas no estudo foram: idade, sexo, compreensão sobre educação sexual e abordagens da sexualidade; que métodos contraceptivos conhecem; se sabem o que são infecções sexualmente transmissíveis; e o comportamento sexual destes adolescentes; se iniciou a vida sexual, usou métodos contraceptivos, engravidou e/ ou tem filhos.

Para a organização, tabulação e análise dos dados estatísticos descritivos utilizou-se o programa *IBM SPSS Statistic*. A análise descritiva ocorreu a partir de frequência absoluta (n) e percentual (F%) e os resultados foram apresentados de forma descritiva, por meio de tabelas e gráficos.

RESULTADOS

Observou-se que dos 253 adolescentes entrevistados, eles apresentavam idade entre 13 e 19 anos, sendo a idade mínima de 13 anos e a máxima de 19, com uma média de 15 anos, representando 51% (n=129) dos adolescentes, conforme demonstrado na tabela 1.

Variáveis	Sexo						
	Feminino (N 131)		Masculino (N 122)		Total (N 253)		
	Nº	%	N	%	Nº	%	
Idade	13 anos	1	0,8	1	0,8	2	0,8
	14 anos	34	26,0	22	18,0	56	22,1
	15 anos	64	48,9	65	53,3	129	51,0
	16 anos	17	13,0	19	15,6	36	14,2
	17 anos	13	9,9	11	9,0	24	9,5
	18 anos	1	0,8	3	2,5	4	1,6
	19 anos	1	0,8	1	0,8	2	0,8
Estado civil	Solteiro	114	87,0	116	95,1	230	90,9
	Casado	4	3,1	2	1,6	6	2,4
	União consensual	3	2,3	0	0,0	3	1,2
	Namorando	10	7,6	4	3,3	14	5,5
Reside	Pais	97	74,0	88	72,1	185	73,1
	Familiares	30	22,9	33	27,0	63	24,9
	Esposo/companheiro	4	3,1	1	0,8	5	2,0

Tabela 1- Perfil social dos estudantes, por sexo, em escolas municipais de um município de um estado do nordeste, 2017.

Quando questionados sobre iniciação sexual 33,2% (84) afirmaram que iniciaram a vida sexual, ao passo que a maioria 66,8% (169) informou que não. Dos adolescentes que declararam terem iniciado a vida sexual 78,5% o fizeram na faixa etária de 13-15 anos de idade, sendo a maioria do sexo masculino como demonstrado no gráfico 1.

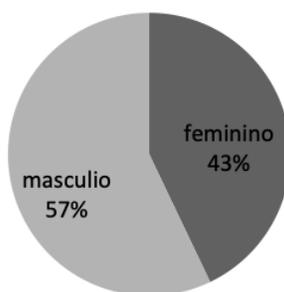


Gráfico 1- Distribuição da iniciação sexual, por sexo, de estudantes (n=84) de escolas municipais de um município de um estado do nordeste do Brasil, 2017.

Com relação ao percentual da idade do início da relação sexual podemos perceber que a maioria dos adolescentes iniciaram a vida sexual aos 14 anos como demonstra o gráfico 2.

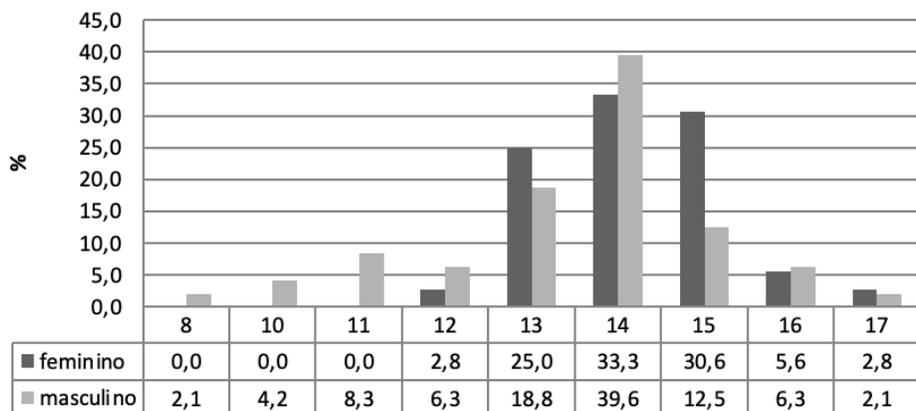


Gráfico 2- Representatividade da Idade do início da atividade sexual, por sexo, de adolescentes nas escolas municipais de um município de um estado do nordeste do Brasil.

No que diz respeito aos dados coletados sobre orientação sexual escolar percebe-se que a maioria dos alunos afirmam ter recebido esse tipo de educação como demonstrado na tabela 2.

Variáveis		Sexo				Total	
		Feminino		Masculino		Nº	%
		Nº	%	N	%		
Você já recebeu orientação sexual na escola com os professores?	sim	90	68,7	80	65,6	170	67,2
	não	25	19,1	23	18,9	48	19,0
	não sabe/ não lembra	16	12,2	19	15,6	35	13,8
Na escola, você já recebeu orientação sobre prevenção de gravidez?	sim	97	74,0	86	70,5	183	72,3
	não	17	13,0	19	15,6	36	14,2
	não sabe/ não lembra	17	13,0	17	13,9	34	13,4
Você obteve informações sobre métodos contraceptivos na escola com os professores?	sim	89	67,9	69	56,6	158	62,5
	Não	23	17,6	30	24,6	53	20,9
	Não sabe/ não lembra	19	14,5	22	18,0	41	16,2
Você aprendeu sobre puberdade com professores na escola?	Sim	86	65,6	63	51,6	149	58,9
	Não	25	19,1	33	27,0	58	22,9
	não sabe/ não lembra	20	15,3	26	21,3	46	18,2

Você obteve informações sobre ISTs na escola com os professores?	sim	73	55,7	70	57,4	143	56,5
	não	26	19,8	19	15,6	45	17,8
	não lembra	32	24,4	33	27,0	65	25,7
Você obteve informações sobre relação sexual/ iniciação sexual na escola?	sim	62	47,3	56	45,9	118	46,6
	não	26	19,8	28	23,0	54	21,3
	não sabe/não lembra	43	32,8	38	31,1	81	32,0

Tabela 2- Frequência do ensino sobre educação sexual escolar de um município de um estado do nordeste do Brasil, 2017.

Quando questionados sobre as disciplinas em que as informações a cerca da temática sexualidade foi ofertada, Ciências, foi a que possuiu maior percentual, como indicado no gráfico 4.

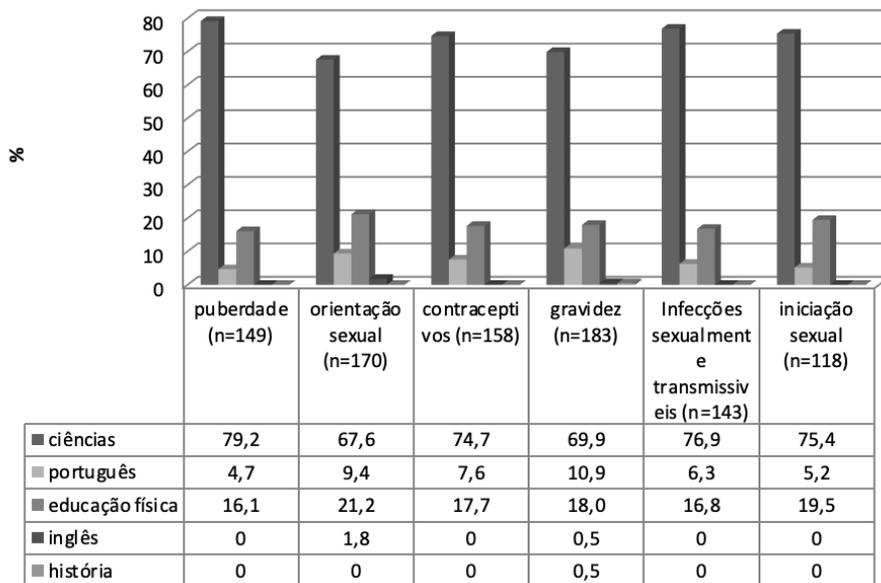


Gráfico 3- Frequência das disciplinas que ofertaram orientação sexual de um município de um estado do nordeste do Brasil, 2017.

Ao serem questionados sobre qual nível de conhecimento que julgavam possuir com relação a temas ligados à sexualidade humana e comportamentos sexuais, 51,8 % dos entrevistados afirmaram que conhecem pouco ou nada sobre tais temas, sendo que 30% afirma não saber nada, ao passo que 33,6% afirmam que possuem um bom conhecimento acerca do tema.

Com base nos resultados supracitados, quando perguntados se julgavam importante

aulas explicativas sobre educação sexual, 58,1% dos adolescentes afirmaram que sim, entretanto, 92,5% acreditavam que palestras/aulas sobre educação sexual, faria com que o processo de iniciação sexual ocorresse com mais segurança e responsabilidade.

DISCUSSÃO

Neste estudo foram abordados diversos aspectos do conhecimento dos estudantes, para identificar o conhecimento sobre educação sexual dos adolescentes pesquisados. A respeito do início da vida sexual 33,2% dos adolescentes afirmaram que iniciaram a atividade sexual, das quais a maioria (78,5%) iniciou na faixa etária entre 13-15 anos com uma média de 14 anos, tanto para o sexo masculino quanto para o feminino, entretanto com maior número no sexo masculino. Dados similares foram observados em diversos estudos realizados, cujos resultados indicaram uma média para iniciação sexual entre 13 e 15 anos (MOURA; GOMES, 2014; LARA, ABDO; 2015).

A precocidade das atividades sexuais (sexarca) pode estar relacionada com à menarca precoce nas meninas, curiosidade, busca pelo prazer, a idealização da busca por companhia, cobranças culturais e /ou do parceiro, desejo do casal; porque afirmam se amar, gostar ou estar apaixonados pelo parceiro; estar com vontade e querer sentir prazer; porque foram convencidas ou pressionadas para satisfazer o parceiro; querer mudar de vida e sair de casa, ser vítima de agressão sexual, entre inúmeros outros fatores que levam o adolescente à iniciar-se sexualmente. Isto nos leva a pensar que a sexualidade não é exercida de forma segura, conhecida e desta forma não é vivida plenamente (KERNTOPF, *et al.* 2016).

Além disto, a menarca e a sexarca precoces tornam as adolescentes vulneráveis às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), à AIDS e à gravidez, dessa forma o ensino à respeito da sexualidade já nas séries iniciais do ensino fundamental, consegue fazer com que o adolescente reflita mais sobre tais temas, agindo com mais responsabilidade, pois sabe-se que a precocidade das atividades sexuais pode estar relacionada com o grau de escolaridade, visto que quanto maior a escolaridade, mais tardio será o início da atividade sexual e da vida conjugal, desta forma, o grau de escolaridade é fator de proteção para questões relacionadas à sexualidade e à prática sexual (MARTINI, 2016).

Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (PeNSE) a iniciação sexual de adolescentes do sexo masculino é mais precoce do que a observada para o sexo feminino, o que corrobora com os dados encontrados no presente estudo, no qual a iniciação da atividade sexual em adolescentes do sexo masculino foi superior 57% (n=48) à encontrada no sexo feminino 43% (n= 36) (BRASIL, 2016).

O início da vida sexual não segue os mesmos padrões entre os sexos. Na maioria das vezes os adolescentes do sexo masculino iniciam mais precocemente a atividade sexual e algumas questões podem determinar a tomada da decisão para esta iniciação tal qual

a religião, grau de escolaridade, comunicação e relacionamento com os pais, bem como estrutura familiar e relacionamento com os pares. Somado a isso muitas vezes os jovens do sexo masculino são mais cobrados a iniciarem sua vida sexual, por questões culturais, enquanto que das meninas se cobra a castidade como forma de “pureza” (CARNEIRO, *et al.* 2015).

O início da prática sexual, tanto para os rapazes quanto para as moças, deve ser pensado com responsabilidade, pois historicamente, os homens são incentivados ao exercício da prática sexual, enquanto as mulheres são estimuladas à afetividade. Por isso acreditou-se, durante muito tempo, que os homens tinham mais necessidade do exercício sexual do que as mulheres, entretanto atualmente, sabe-se que isso não é verdade, pois o início da atividade sexual é individual e depende do grau de intimidade que cada pessoa estabelece consigo e com o outro. Assim para desmistificar tais credences é necessário que haja orientação sexual (CARNEIRO, *et al.* 2015).

Quanto aos dados coleados sobre orientação sexual escolar, a maioria dos alunos afirma ter recebido orientação, em especial na disciplina de ciências. Alguns estudos corroboram com os dados obtidos no presente trabalho, ao afirmar que os escolares recebem orientação sexual no que tange ao ensino sobre infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e AIDS, prevenção de gravidez na escola, no entanto sabe-se que a sexualidade vai além de informações pontuais, necessitando de uma abordagem contínua e dinâmica para apreensão dos dados pelos adolescentes, assumindo assim um caráter preventivo no âmbito da saúde (BRASIL, 2016).

A sexualidade é parte integrada da infância, juventude e velhice. Por isso, o ensino de Educação Sexual no ambiente escolar precisa ser adotado nos anos iniciais, onde a criança começa a manifestar sua vida sexual. O processo educacional sobre a sexualidade somente com jovens na adolescência pode limitar a aprendizagem e contribuir para muitas ideias distorcidas da fase infantil até a fase adolescente, entretanto mesmo que tardiamente a educação sexual quando debatida torna-se um importante instrumento de aprendizado, pois infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) são consequências de uma má formação de conhecimento. Cabe, porém, ao professor, mostrar para o aluno a necessidade do conhecimento e o despertar do interesse pela temática sexualidade humana. Refletir e mencionar o quanto a sexualidade é parte da vida de cada pessoa, independentemente da vontade de cada ser (MOREIRA, *et al.* 2013)

Apesar da importância da orientação sexual, abordar tais temas requer interesse por parte da escola, dos alunos, dos professores, visto que ainda é um tema retratado com muitos tabus e dificuldades, inclusive por questões de vergonha, o que impede que as informações sejam difundidas e fixadas na sociedade, sobretudo na escola (VIEIRA, MATSUKURA, 2017).

Além disto, tratar de sexualidade não está relacionado apenas ao ensino em ciências ou matérias de biologia, pois a sexualidade é um tema transversal como abordados nos

PCN do Ministério da Educação e Cultura, visto que tal que perpassa a simples discussão sobre questões biológicas, fisiológicas, de anatomia, desta forma quando falar de educação sexual causa divergência quanto a se tratar do tema apenas nos conteúdos programáticos (nas aulas de Ciências e Biologia) ou como um tema transversal permeando todas as disciplinas do currículo escolar, assim sendo, professor de qualquer disciplina pode realizar um trabalho de educação sexual, podendo abordar o assunto a qualquer momento em qualquer disciplina, pois é um tema transversal que atravessa fronteiras disciplinares (OLIVEIRA, BERIA, SCHERMANN; 2014).

O trabalho da Educação Sexual na escola não se limita à transmissão de informações puramente biológicas ou preventivas, nem tem o objetivo apenas de favorecer a discussão sobre o controle de doenças, gravidez e outros inconvenientes sociais; mas sim, de proporcionar reflexão acerca do sexo e seus valores, como prática de cidadania, também é necessário promover discussões sobre a temática, aceitando o posicionamento de cada indivíduo, amenizando as suas dúvidas, refletindo sobre as divergências e os pontos em comum, permitindo a participação constante dos alunos para que eles se sintam acolhidos e confortáveis para expressar sua sexualidade e suas opiniões, fazendo com que desta forma haja uma ampliação de ideias, essenciais para mudança de paradigmas e quebra de tabus (SILVA, *et al.* 2013; AMARAL, *et al.* 2017).

Desta forma, pode-se afirmar que a orientação sexual na escola contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos com informação e ação, sendo possível de modificar o quadro social quando a sexualidade é discutida, comentada ou criticada de forma responsável e segura. Além disto, ela é um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher as lacunas de informações e erradicar tabus e preconceitos, como também abrir espaço para discussões sobre as emoções e valores. Neste sentido a inclusão da temática da sexualidade nos currículos escolares é de fundamental importância e urgência, visto que esta é considerada como algo inerente a vida e a saúde, que se expressa no ser humano durante toda vida e está relacionada com o direito do prazer e do exercício da sexualidade com responsabilidade (KERNTOPF, *et al.* 2016).

A respeito do nível de conhecimento que os entrevistados julgavam possuir com relação a temas ligados à sexualidade humana e comportamentos sexuais, 51,8 % dos entrevistados afirmaram que conhecem pouco ou nada sobre tais temas, sendo que 30% afirma não saber nada, ao passo que 33,6% afirmam que possuem um bom conhecimento a cerca do tema, o que leva a reflexão de como estes temas são retratados e abordados com estes adolescentes. Como está sendo repassadas as informações e se está sendo repassada, pois é fundamental que o adolescente compreenda o processo de sexualidade, não no sentido de influenciar sua sexualidade e/ ou atividade sexual, mas por saber que os mesmos não estão isentos de vivenciar e expressar a sexualidade (NERY *et al.* 2015).

O adolescente se interessa em aprender sobre questões sexuais, a depender de

como o tema é retratado, entretanto quando se desconsidera às dúvidas, os anseios dos mesmos, e cientificam a sexualidade como se ela fosse uma matéria objetiva, eles perdem o interesse, o que faz com que não busquem informações e não compreendam as informações que lhe são transmitidas. Além disto dados mostram que a crença a respeito da informação sobre sexualidade é inerente aos adolescentes, revelando também o sentimento de onipotência, tão característico dessa fase do desenvolvimento humano. Esse sentimento leva o jovem à convicção de que IST e AIDS “nunca irá acontecer com eles”. Este achado aponta para um sentimento de invulnerabilidade em que o adolescente julga ser inatingível, e esta crença acaba por dificultar o trabalho de intervenção, pois não há percepção de vulnerabilidade (MARTINI, 2016; AMARAL, *et al.* 2017).

Com base nos resultados supracitados, quando perguntados se julgavam importante aulas explicativas sobre educação sexual apenas 58,1% dos adolescentes afirmaram que sim, entretanto, 92,5% acreditavam que palestras/aulas sobre educação sexual, faria com que o processo de iniciação sexual ocorresse com mais segurança e responsabilidade, o que reflete que eles sabem que a orientação é importante, mas que esta deve ser realizada de forma a atender suas dúvidas, em conjunto com eles, para esclarecer e desmistificar os tabus e preconceitos tão presentes nesta questão.

CONCLUSÃO

A pesquisa identificou que a maior parte dos adolescentes recebem orientação sexual na escola, a qual ocorre quase que exclusivamente na disciplina de ciências biológicas. Entretanto quando questionados sobre o nível de conhecimento sobre os assuntos ligados à temática sexual, a maioria afirma que o assunto foi abordado de forma insuficiente para que compreendessem os processos referentes a sexualidade

Dos adolescentes entrevistados a minoria dos adolescentes afirmaram ter iniciado sua vida sexual, entretanto, os que iniciaram tem a média de idade de 15 anos, o que é semelhante a estudos diversos, e a parcela de gravidez entre estes adolescentes foi baixa.

Assim, todos esses dados mostram que apesar de saber que há orientação sexual escolar, esta não é fornecida de forma suficiente, havendo a necessidade de se trabalhar a temática sexualidade de forma mais contínua, iniciando o mais cedo possível. Sugere-se que esse trabalho, de orientação sexual, se inicie na escola ainda no ensino fundamental I por meio de oficinas, jogos, dinâmicas e vivencias que permitam ao adolescente maior conhecimento, criando um espaço para discussão, esclarecimento e desenvolvimento de um comportamento sexual preventivo.

Sugere-se, ainda, intervenção da escola junto aos pais, pois a família e a escola têm papéis diferentes e complementares na orientação dos adolescentes, uma não substituiu a outra. A escola complementa o que é iniciado no lar, suprindo lacunas, combatendo preconceitos, desenvolvendo respeito pelo corpo e pelos sentimentos. Neste sentido,

percebe-se a importância do professor na função natural de educador sexual no ambiente escolar, e a necessidade de renovação contínua dos seus próprios conhecimentos sobre sexualidade, para cumprimento eficaz de seu papel. Ademais, a transversalidade do conteúdo sexualidade é imprescindível para que o aluno tenha acesso à orientação de forma mais ampla e abrangente, em vários contextos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, R.S. et al. **Soropositividade para HIV/AIDS e características.** Rev Pesq Saúde, 2017. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/revistahuufma/article/viewFile/8384/5209>

BIÉ, APA; DIÓGENES, MAR; ESCOLÁSTICA, RFM. **Planejamento familiar: o que os adolescentes sabem sobre este assunto?** Revista Brasileira em Promoção da Saúde. 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/408/40819302.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>

BRASIL. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE) 2016.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Diretoria de Pesquisas Coordenação de População e Indicadores Sociais. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>

CARNEIRO, RF *et al.* **Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar.** Sanare, Sobral, 2015. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/617/334>

CUNHA, CF; LIMA, NL. **A escuta de adolescentes na escola: a sexualidade como um sintoma escolar.** Estilos clin., São Paulo. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v18n3/v18n3a5.pdf>

GONÇALVES, H *et. al.* **Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde.** Rev Bras Epidemiol 2015. Doi: 10.1590/1980-5497201500010003

KERNTOPF, MR *et al.* **Sexualidade na adolescência: uma revisão crítica da literatura.** Adolesc. Saúde, Rio de Janeiro, setembro 2016. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=590

LARA, LA; ABDO, CH. **Aspectos da atividade sexual precoce.** Rev Bras Ginecol Obstet. 2015. Doi: 10.1590/SO100-720320150005207

MARTINI, CJ. **A Abordagem Do Tema Educação Sexual Em Sala De Aula: Juntos Ou Separados?** Educação Em Foco. 2016. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/001_ed_sexual.pdf

MOURA, LNB; GOMES RO. **Planejamento familiar: uso dos serviços de saúde por jovens com experiência de gravidez.** Ciênc. saúde coletiva. 2014. Doi <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.10902013>

MOREIRA, RM *et al.* **Adolescência e sexualidade: uma reflexão com enfoque bioético.** Adolesc. Saúde, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=38

NERY, INEZ SAMPAIO *et al.* **Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes.** Acta Paul Enferm. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/9mgxX6s5dDcKSGybqQmfB8p/?lang=pt>

OLIVEIRA, Nália de Paula; BERIA, Jorge Umberto; SCHERMANN, Lígia Braun. **Sexualidade na adolescência: um estudo com escolares da cidade de Manaus/AM.** Aletheia. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942014000100010&lng=pt&nrm=iso>.

SANTOS, TMB; ALBUQUERQUE, LBB; BANDEIRA, CF; COLARES, VSA. **Fatores que contribuem para o início da Atividade sexual em adolescentes: revisão integrativa.** Revista de Atenção à Saúde, v. 13, no 44, abr./jun. 2015, p.64-70. Doi: 10.13037/rbcs.vol13n44.2668

SILVA, Doane Martins *et al.* **Sexualidade Na Adolescência: Relato De Experiencia.** Rev Enferm UFPE On Line., 2013. DOI: 10.5205/reuol.3934-31164-1-SM.0703esp201323

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. **Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública.** Revista Brasileira de Educação. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782017226923>

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Health topics. Adolescent health (2013). Disponível em: http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/

A

Adenovírus 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

Adesão 104, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 172, 173, 177

Adolescente 1, 2, 7, 8, 9, 10, 204

Anomalias congênitas 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

APH 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 26, 27, 31, 36, 192

Asma 134, 135, 136, 141, 142, 145, 146, 148, 151, 152, 153, 154, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 189

Assistência integral à saúde 64

Atendimento pré-hospitalar 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 26, 27, 29, 31, 34, 35, 36, 192, 197

Atividade física 104, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 115

Autonomia profissional 64, 70, 72, 80

B

Biomarcador 39, 45, 46, 47

Brasil 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 14, 18, 22, 27, 28, 32, 33, 36, 38, 64, 65, 75, 80, 81, 82, 83, 88, 89, 91, 95, 97, 98, 102, 104, 105, 109, 111, 113, 117, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 133, 134, 135, 136, 145, 146, 149, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 177, 178, 180, 183, 184, 188, 204, 206, 207, 208

C

CEC cabeça e pescoço 39

Choque hemorrágico 22, 27, 30, 31, 33, 36, 194

Covid-19 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 134, 152, 172, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190

D

Datasus 157, 158

E

Educação 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 20, 22, 28, 71, 78, 80, 81, 88, 109, 113, 117, 122, 172, 188, 197, 208, 211, 213, 216

Educação em saúde 1

Educação sexual 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

Enfermagem 18, 29, 67, 72, 73, 74, 80, 81, 82, 83, 111, 116, 125, 190, 206, 207

Epidemiologia 52, 57, 154, 157, 164, 218
 Equipe de assistência ao paciente 64
 Estudos de caso único como assunto 177

F

Ferramentas APH 14

G

Gamificação 172, 173, 174
 Genes do Tumor de Wilms 200
 Grupos focais 64, 81

H

HAdV 52, 53, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62
 Hemorragia 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 32, 34, 170, 191, 192, 193, 194, 195
 Hérnia incisional 166, 167, 168, 169, 170, 171
 Hipertensão arterial sistêmica 104, 105, 111, 168, 183, 189

I

Infecções por coronavírus 177
 Inflamação aguda 175, 176
 Instituições acadêmicas 1
 Isquemia 168, 175, 176

L

Leiomioma 166, 167, 168, 169, 171

M

Medicina 1, 2, 15, 18, 19, 20, 21, 27, 28, 30, 31, 36, 38, 78, 82, 104, 110, 111, 127, 134, 148, 150, 151, 154, 155, 156, 172, 173, 175, 191, 192, 193, 194, 197, 200, 204, 218
 Metástase 45, 47, 200
 Metodologias ativas 20, 172, 173
 Minorias sexuais e de gênero 83, 87
 Modalidades de Fisioterapia 177
 Mulheres 8, 64, 68, 69, 85, 91, 97, 99, 102, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

N

Neoplasias 136, 139, 170, 171, 200, 201, 203

Neoplásica 200

P

PHTLS 19, 20, 21, 23, 27, 28, 31, 35, 36, 197

Politrauma 20, 31, 32

Prisões 116, 117, 207, 208, 209, 217

Projeto 218

Projeto de extensão 20

S

Saco herniário 167, 168, 169, 171

Saúde 1, 2, 1, 2, 3, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 27, 28, 36, 40, 52, 59, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 109, 111, 112, 113, 117, 118, 119, 122, 124, 125, 126, 130, 132, 136, 139, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 163, 164, 165, 177, 178, 179, 180, 183, 185, 188, 189, 190, 192, 194, 196, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 216, 217

Saúde Escolar 1

Segurança do paciente 64, 71, 72, 79

Sexualidade 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 88

snoRNAs 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51

Sono 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 208, 210

Stop The Bleed 19, 20, 22, 27, 191, 192, 193, 194, 197

T

Tecnologias em saúde 14

Transplante 53, 60, 149, 176

V

Vírus 52, 53, 55, 58, 59, 61, 62, 85, 88, 101, 158, 163, 164, 172, 178, 183, 184

Vulnerabilidade em saúde 83, 84, 87

A MEDICINA VOLTADA À PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR 2

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



A MEDICINA VOLTADA À PROMOÇÃO DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR 2

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 @atenaeditora

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

